

# O Despertar

LYCIA BARROS

# O Despertar

Adaptação de:  
*Ana Rita Silva*

*Pergaminho*

## CAPÍTULO I

### A Partida

Não conseguia imaginar como seria a minha vida longe dos meus pais. Por muitos anos fui filha única e recebi todo o tipo de cuidados e mimos que se possam imaginar. Isso foi bom e mau ao mesmo tempo. Nunca tinha lavado a minha própria roupa e agora ia morar sozinha durante quatro anos, ou talvez para o resto da vida.

Há três anos que o meu irmão tardio nascera. Desde então, os meus pais esforçaram-se ainda mais para me agradar. Eu compreendia que os cuidados com o Vítor exigiam muito tempo, mas mesmo assim a situação acabou por se virar a meu favor. A impressão que tive foi que, desde então, tudo passou muito depressa, mas sob muitas perspetivas a minha entrada no mundo adulto estava a ser suave. Sempre imaginei que a sensação de mudança viria automaticamente quando eu completasse dezoito anos, mas agora é que era.

A minha mala estava quase pronta quando a minha mãe entrou no quarto. Eu sabia que ela estava a sofrer tanto como eu com aquela despedida. A Sílvia, minha mãe, é o tipo de mulher que parece viver com um único propósito: fazer os filhos felizes. Por isso, tentou manter-me otimista durante toda a última semana em casa.

– Já estás com tudo pronto, querida?

*Como se ela própria não tivesse tratado de cada pormenor,* pensei enquanto punha o telemóvel no bolso de trás das calças.

– Acho que sim, só falta a Bíblia que tenho na gaveta.

A minha mãe abriu mais a janela e depois virou-se para mim com um sorriso triunfante.

– Angelina, estou tão orgulhosa desta tua conquista! Sempre sonhaste em estudar Literatura, e Deus deu-te mais essa vitória. – O seu sorriso esmoreceu um pouco e ela baixou o tom de voz. – É pena que tenhas de ir para o Rio de Janeiro. Vou sentir tanto a tua falta... mas não me vou queixar – disse ela, mais para si mesma do que para mim. Depois secou os cantos dos olhos com os dedos indicadores e uniu as mãos. – Vais para uma das melhores faculdades do Brasil e sei que, quando voltares, serás uma excelente profissional.

Ofereci-lhe um sorriso débil, pois disfarço muito mal. Na verdade, não estava nos meus planos voltar para trabalhar na minha cidade. Afinal eu imaginava que as oportunidades em Petrópolis, com cerca de trezentos mil habitantes, seriam reduzidas. Mas sabia que não era o momento de abordar aquele assunto com a minha mãe; não queria que ela tivesse outra crise.

Eu ansiava pela mudança, mas também estava nervosa. Claro que já tinha ido ao Rio de Janeiro com a minha família, mas nunca por muito tempo, pois o meu pai não podia ficar longe do trabalho. Na verdade, ele achava que uma cidade mais calma e perto da natureza era o ideal para criar os filhos. Por isso, nunca quis sair da região serrana do Rio; tinha aversão ao tumulto da grande cidade. Sendo assim, a minha vida inteira girou em torno de um lugar pacato e familiar, bastante diferente da turbulência de uma grande metrópole.

As notícias de violência da capital não me assustavam por aí além, pois não pretendia sair muito da república de estudantes. Imaginava que o meu curso iria implicar muitas leituras. O que realmente me deixava desconfortável era viver num lugar com tanta gente, onde não conheceria absolutamente ninguém.

A minha mãe tinha uma amiga cuja filha, a Michele, estudava na universidade onde eu tinha sido colocada. Por intermédio dela, consegui uma vaga num quarto da república. Quando crianças tínhamos frequentado a catequese na mesma igreja, mas a família da Michele desaparecia e aparecia com tanta frequência que não formámos laços. Para mim, ela era praticamente uma estranha.

Suspirando, esquadrinhei o meu quarto pela última vez, já com saudades das coisas que iria deixar para trás. Antes de descer para a sala, olhei bem para as fotografias presas no meu quadro de cortiça: a última viagem de férias ao Chile com os meus pais, com os pés afundados na neve até às canelas; a minha festa dos quinze anos, deitada nos braços dos meus primos – fiquei horrível e toda despenteada. O meu cabelo é castanho-escuro e muito liso, e desde pequena é difícil prender o que quer que seja nele. Havia uma fotografia especial, que eu guardava com carinho: eu e a minha mãe a fazer castelos na areia na praia de Bertiooga. Incrível como eu era tão parecida com ela desde pequena. Sempre adorei o tom mel dos nossos olhos, tão diferente das cores habituais. Ser parecida com ela, para mim, é um elogio.

Havia também outra fotografia: eu e a minha melhor amiga, a Natasha, numa gaiivota, em frente ao Hotel Quitandinha. A Natasha tem um irmão gêmeo, o Dante, uma figura doce e engraçada. Ele tem cabelos pretos lisos e usa sempre uma franja caída por cima dos bonitos olhos azuis. Na minha opinião, nunca os deveria esconder. Eram o seu ponto forte. Porém, o Dante não se preocupava muito com isso. E, apesar de ter a mesma idade que eu e a Natasha, sempre foi bastante mais alto do que nós. O engraçado é que, devido ao súbito crescimento na adolescência, tinha ficado magricela e desengonçado, diferente da irmã, que também era magrinha, só que mais baixa, como eu. Nas fotografias, estavam os dois de aparelho. Aliás, o aparelho nos dentes era a única coisa que tinham em comum. A Natasha tem o cabelo encaracolado e olhos castanhos. É basicamente uma escrava do ferro de alisar e morre de inveja dos cabelos lisos e dos olhos claros do irmão. Eu, por minha vez, daria tudo para ter os caracóis dela. Acho-os tão sensuais! Mas a vida é mesmo assim. Desejamos sempre aquilo que nos parece inacessível.

Esta amiga-irmã entrou na minha vida muito cedo: a nossa amizade era inabalável desde os oito anos e o seu sorriso metálico punha-me logo bem-disposta. Às vezes, eu achava que ela tinha o dom especial de alegrar ambientes.

O Dante e a Natasha são filhos do pastor da nossa igreja e talvez por isso tenham sido incentivados desde pequenos a confortar as pessoas ou... sei lá, a trazer esperança: essa era uma característica que partilhavam. Apesar disso, nenhum dos dois se mostrava interessado em herdar o cargo de líder da igreja. O Dante tinha uma maneira de pensar ligeiramente polémica e demasiado irreverente para o gosto do pai. Acreditava, por exemplo, que não eram os atos corriqueiros e religiosos – como ir à igreja três vezes por semana ou fazer grandes doações para todos verem – que o fariam chegar mais perto de Deus, mas sim ter um coração aberto a novas aprendizagens e servir os outros, além de manter uma comunicação sincera e diária com Ele. Na opinião do Dante, isto era o mais importante, pois consistia numa conquista interior, individual e, exatamente por isso, muito mais difícil de conseguir.

Eu sempre o admirei por pensar assim. A fé dele parecia mais real do que a nossa, como se ele de facto tivesse um relacionamento com Deus. Nas poucas vezes em que o vi rezar em voz alta nos encontros de jovens, percebi que a sua prece não era vaga e superficial mas sim uma conversa com um amigo. Nem todos têm o privilégio de ver Deus dessa forma tão próxima. Além disso, o Dante tinha outra qualidade maravilhosa: tocava viola divinamente desde pequeno, e esse era o único dom que ele desejava possuir.

Já a Natasha acreditava que o seu ministério era seguir em missões viajando pelo mundo. Vivia atenta às tragédias sociais e arranjava sempre alguma forma de ajudar, mobilizando todos à sua volta. Por esta razão, não fez os exames do décimo segundo ano na mesma altura que eu; achou melhor passar uma temporada fora do país para descobrir qual era o seu verdadeiro propósito.

De qualquer modo, eu não tencionava pensar em nada disso por algum tempo. Afinal, precisava de seguir o meu caminho. Mas decidi levar algumas fotografias para tornar o quarto na república um pouco mais familiar.

Quando desci a escada, lá estava ele: o meu ansioso e desesperado pai, Frederico Hermann. Ele já tinha organizado diversas

comemorações pela minha entrada na faculdade. Fez um churrasco e convidou todos os seus conhecidos; levou-me até ao altar da igreja para que o pastor pedisse a todos os membros que orassem por mim e abençoassem a minha partida; e divulgou a grande notícia em todas as suas despovoadas redes sociais.

O meu pai é comerciante, mas não teve muita opção sobre aquilo em que gostaria de trabalhar. O meu avô praticamente exigiu que ele assumisse os negócios da família: uma fábrica de agasalhos que fundou com muito esforço. Acho incrível que as pessoas que menos se querem parecer com os pais são as que mais parecidas com eles ficam. Isso também aconteceu ao meu pai, física e emocionalmente. Querendo ou não, ele tinha tino para os negócios. E estava a ficar fisicamente idêntico ao meu avô: alto, careca, gordinho e de olhos verdes.

Morávamos num excelente bairro chamado Valparaíso, numa rua ladeada por árvores de folhas coloridas, numa casa de dois andares ampla e confortável. A empresa da nossa família fornecia produtos para lojas de todo o Brasil. Porém, apesar de bem-sucedido, o meu pai estava a realizar o seu sonho através de mim: ele desejava ter tirado um curso superior.

Tive liberdade total para escolher o que fazer. A decisão foi exclusivamente minha, apesar de reconhecer uma certa influência da minha mãe, que era pedagoga. Não que ela me tivesse incentivado a optar por isso, mas, ao ler para mim desde pequena, tornou-me uma apaixonada por livros. De resto, nunca tive talentos comerciais, apesar de não achar má ideia ser dona de uma livraria. Mas, verdade seja dita, o que eu queria mesmo era ser escritora. E estava pronta para esse desafio, mesmo que fosse doloroso partir.

– Estás pronta? – perguntou ele, mordendo o lábio inferior numa tentativa de se aguentar.

– Sim, vamos já, pai. Não quero que voltes tarde.

Era isso que eu temia. Mais alguns segundos e, tenho a certeza, o meu pai desataria num pranto. É uma pessoa extremamente emotiva, daquelas que até choram com os filmes da sessão da

tarde. Por isso, não o encarei. Passei por ele de cabeça baixa e ele acariciou-me o ombro, apertando-mo com força. Parecia que nunca mais me ia soltar.

Passámos pela porta e vi que todas as tralhas estavam já enfiadas no porta-bagagem. A minha mãe repetia as mil recomendações que me tinha feito antes. Insisti para que não se preocupasse, garantindo-lhe que eu fora muito bem educada por uma família cristã que me tinha passado fidedignamente os seus valores durante os últimos dezoito anos. E que sabia desenrascar-me. Mas isso não surtiu qualquer efeito...

– Come como deve ser, não andes constantemente a petiscar e não te esqueças de rezar sempre: à noite, ao acordar, antes dos testes... E traz a roupa suja para eu lavar.

– Mãe – disse eu já enervada –, acalma-te! Vai correr tudo bem, OK? Tenho a certeza de que Deus já ouviu as tuas ininterruptas orações por mim nesta última semana.

Coitadinha. Ela estava desconsolada. Compadecida, engoli em seco o nó que se formava na minha garganta e afaguei-a carinhosamente, dando-lhe um abraço rápido, senão quem iria chorar era eu. Depois, beijei e abracei o pequeno Vítor, e então escapou-me uma lágrima. Eu adorava aquele reguila. Em seguida, partimos.

Os primeiros dez minutos de viagem decorreram em silêncio enquanto eu consultava o *feed* de notícias do Facebook e publicava uma *hashtag* no meu perfil: **#partiuriodejaneiro**

A Natasha não estava *online*, infelizmente. Seria bom desabafar um pouco com ela a respeito da minha ansiedade por causa da mudança. Não que eu não tivesse já feito isso na noite anterior, quando fiquei em casa dela até altas horas.

De repente, vi que alguém tinha gostado da minha publicação. Era o Dante, o irmão da Natasha. Não só gostou, como fez um comentário:

**O melhor está para vir.**

Sorri e senti o coração aconchegado. O Dante sempre foi querido com toda a gente. É pena que ele não estivesse em Petrópolis



para nos despedirmos: há mais de um mês que viajara para Inglaterra para estudar música. E não voltaria tão cedo. Ele tinha uma banda *gospel* e o seu sonho era ganhar a vida com os seus espetáculos. Tinha músicas muito boas que já passavam bastante na rádio local. A Natasha iria para Londres encontrar-se com ele dentro de poucas semanas.

Estava a procurar no WhatsApp alguma vítima *online* para me resgatar do meu tédio quando o meu pai resolveu captar a minha atenção, queixando-se do preço das portagens, do tempo exagerado de viagem por causa do mau estado das estradas, da preocupação com o regresso tardio a casa, da violência nas estradas, dos bandidos, das placas vandalizadas pelo caminho, dos gangues da cidade vizinha... E eis que finalmente chegou ao ponto que desejava abordar: os gandulos da faculdade que não respeitam ninguém.

Guardei o telemóvel, suspirei e olhei para o tejadilho do carro. Eu já estava à espera. O meu pai fez um longo discurso sobre os meninos da mamã que vão para a universidade somente para se divertir e «corromper a honra» – juro que usou estas palavras – das jovens inocentes do interior. No caso, eu.

Senti-me num romance do século XIX.

Antes que o assunto se prolongasse, interrompi:

– Pai, não estou interessada em namoros e farras. Tenho outros objetivos no momento. Quero dar o meu melhor na faculdade, acompanhar a matéria, fazer pesquisas sobre a profissão, ler muito... E, no pouco tempo que me sobrar, vou telefonar-vos, combinado? Além disso, no curso de Letras a maior parte da turma é de meninas e *gays*, não te preocupes.

O argumento não pareceu acalmá-lo.

– Não é bem assim, acredita – continuou ele, e eu revirei os olhos exageradamente, observando através da janela do carro. – Além do mais, na universidade há diversos cursos e, com certeza, muitos rapazes andam pelo *campus*. Tu não tens muita experiência e eu sinto-me na obrigação...

– Pai! – interrompi de novo, olhando fixamente para ele. – Tiveste quase duas décadas para me fornecer toda a informação

necessária, fizeste questão de me inscrever em todos os seminários de jovens que decorriam na cidade. Fizeste um bom trabalho; agora confia em mim.

O meu pai olhou-me de lado e fez uma breve pausa, pensativo.

– Certo. Está bem, mas... promete-me uma coisa.

– Diz – consenti, rendida.

– Sempre que estiveres em dúvida sobre se deverias ou não estar em determinado lugar, pede ao Espírito Santo a Sua presença naquele instante. Se não pudeses senti-Lo, é porque não deverias estar ali. Vais lembrar-te disso?

– Prometo, pai – disse, fazendo o sinal dos escuteiros.

A viagem prosseguiu sem outras recomendações, graças a Deus. Começámos a conjecturar sobre como seria o *campus*, os professores, daí por quanto tempo eu estaria a estagiar... Foi bastante mais agradável.

Quando por fim chegámos, ainda não era muito tarde. Havia pouco trânsito, pois era domingo. As aulas começariam no dia seguinte. Eu estava ansiosa por arrumar as minhas coisas no quarto e preparar tudo para o início da minha vida académica. Queria tanto começar...

Entrámos pela porta grande e verde da república e deparámos com uma pequena saleta. Ali, havia uma mesa de pingue-pongue e uma televisão ligada. Quando entrámos, avistámos um rapaz sentado no sofá a ver um filme que nos olhou com uma breve curiosidade e em seguida informou que os quartos eram no segundo andar. Notei que a saleta estava ligada a outra mais pequena, na qual havia dois computadores com acesso à Internet, um deles ocupado. Adorei esse pormenor, já que o meu portátil se tinha estragado quando o meu irmãozinho – a vontade de o esganar permanece – deixara cair *Coca-Cola* no teclado.

O meu pai pegou na minha bagagem e subimos um lanço de escadas até ao meu novo lar. Como era um quarto de raparigas, achei melhor não o convidar para entrar, pois poderia apanhar alguém desprevenido. O corredor estava vazio e devia haver, no máximo, uns dez quartos.

De repente, uma das portas abriu-se e por ela passou um rapaz de toalha presa à cintura, a escovar os dentes. Ele cumprimentou-nos levantando as sobrancelhas, com a maior informalidade, e em seguida entrou no quarto em frente ao meu, onde dois ou mais rapazes falavam alto e davam risadas guturais. Apertei os lábios para não rir. O meu pai vislumbrou aquela cena com uma reprovação nítida no olhar, abraçou-me numa despedida silenciosa e foi-se embora rapidamente, evitando que o desespero tomasse conta dele e o fizesse levar-me imediatamente de volta para casa. Foi melhor assim. Eu não queria uma despedida longa.

Abri a porta com a chave que me tinham enviado e entrei no pequeno quarto. A parede era verde-clara e havia uma janela de caixilho de alumínio. Vi um armário de madeira antigo, duas camas também de madeira e muitos ursinhos de pelúcia. A primeira coisa que deduzi sobre a minha colega de quarto foi que, caso houvesse um concurso de rainha da organização, a coroa não iria para a sua cabeça. Roupas e meias estavam espalhadas por todo o lado, assim como sapatos e livros, e havia papéis com frases motivacionais que pareciam ter sido retirados de alguma revista feminina, colados desordenadamente nas paredes. Perto do armário, vislumbrei um pequeno lava-loiças e, sobre ele, café em pó, biscoitos, batatas fritas e macarrão instantâneo. Se a minha mãe visse aquilo, com certeza teria um ataque cardíaco.

Havia também um fogão de acampamento de duas bocas sobre uma prateleira e um pequeno frigorífico por baixo. Um pequeno ventilador preto estava a um canto do quarto.

Quando examinei as camas, numa delas havia um edredão ao monte e na outra, que imaginei ser a minha, só um colchão. Antes que me aproximasse, assustei-me com o som de alguém a espreguiçar-se e, ao mesmo tempo, vi um movimento na cama ao lado. De baixo do edredão apareceu uma jovem baixa, que podia ser confundida com uma criança, mas com roupas de adulto. Tinha o cabelo castanho-claro, ligeiramente ondulado, e borrões de rímel ao redor dos olhos verdes. Ela olhou para mim, esfregou

o rosto – demonstrando que era possível borrá-lo ainda mais – e falou entre um bocejo e outro.

– Olá, debes ser a Angelina. Eu sou a Michele, filha da Ana, amiga da tua mãe. Bem-vinda à faculdade, querida. A tua cama é aquela.

– Já percebi. – Fiz um sorriso amarelo. – Bem... *boa tarde* – disse imediatamente, para ela ter noção das horas. – Obrigada pela vaga que conseguiste arranjar-me. Soube que é bastante difícil. Não sei o que iria fazer se não fosses tu.

Agradei bastante, tentando causar uma boa primeira impressão. Afinal, era com aquela pessoa que eu acordaria e dormiria nos próximos meses. Mas, tenho de confessar, tinha tido sempre um quarto só para mim, e esta parte da minha nova vida – partilhar o espaço – não me agradava.

– Não é bem assim... – desvalorizou ela. – Nem toda a gente se habitua às baratas e ao barulho. Acabam por sobrar muitas vagas a meio do semestre.

Barulho, OK, mas... baratas? Os meus pelos da nuca arrepiaram-se imediatamente e fiquei em estado de alerta. Eu abominava baratas.

Comecei a arrumar as minhas roupas enquanto a Michele me dava algumas dicas: onde ficavam as casas de banho, os bebedouros, a lavandaria, quais eram os melhores horários para o banho... Eu ouvia vagamente o que ela dizia e ia examinando cada centímetro dos locais onde punha as minhas coisas, já a pensar em ir ao mercado mais próximo e comprar todas as armadilhas, os remédios e os inseticidas que encontrasse. Infelizmente, lembrei-me de que eram cinco horas da tarde de domingo e todos os estabelecimentos deviam estar fechados.

*Raios!*

Acabei de ajeitar tudo, mudei de roupa e arrumei o novo material na mala. Prendi o cabelo e, entretanto, a Michele tinha acabado de fazer café e ofereceu-me uma chávena, ao mesmo tempo que acendia um indesejável cigarro. Quase torci o nariz, pois tinha rinite alérgica e a ideia de morar com alguém que fumasse não

me agradava nada. Mas, como ainda não estávamos no meio do semestre e não existiam outros quartos vagos na república, achei melhor ser simpática com a minha colega e não reclamar.

Pelo menos, não nos primeiros dias.

A Michele mudou de roupa, lavou a cara e disse que ia descer para ver a chegada dos caloiros. Perguntou-me se queria ir, mas respondi que estava cansada e que pretendia ir dormir cedo. Assim que ela saiu, deitei-me por alguns segundos para assimilar a minha nova realidade. Peguei no telemóvel para ligar à Natasha, mas ela não atendeu; devia estar na igreja. Ela fazia parte do coro e o Dante, quando estava no Brasil, costumava tocar aos domingos. Como eu não podia estar lá, larguei o telemóvel e peguei na minha Bíblia. Abri aleatoriamente, na esperança de ler algo que me animasse. Calhou em I Coríntios 10:12.

*«Assim, pois, quem pensa estar de pé, tome cuidado para não cair.»*

Semicerrei os olhos, desconfiada, imaginando que o meu pai tinha, propositadamente, marcado aquela página da Bíblia. Era mesmo o estilo dele. Então, abri outra vez. Calhou em I Timóteo 3:7.

*«Mas é necessário também que ele goze de boa reputação entre os de fora, para não cair no descrédito e nas ciladas do diabo.»*

A sério?! Eu a precisar de uma palavra de motivação e é isto que me aparece?!

Inconformada, achei que o meu pai também tinha marcado esta página. *Como é que ele faz isso? Será que trouxe a Bíblia dele?* Fechei o volume e inspecionei a capa. Bem, com certeza a dele não era cor-de-rosa.

Pondo-a de lado, rezei para que nenhuma barata subisse pelo meu colchão durante a noite e, depois de verificar muito bem por baixo da cama, adormeci. Aquela foi a última noite de sono tranquilo antes do furacão de eventos que mudariam o curso da minha vida.